

## **BULLYING NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA A PARTIR DO PIBID/UFV**

João Victor da Silva Oliveira <sup>1</sup>  
Patrícia Santos de Oliveira <sup>2</sup>

### **Introdução**

O presente texto é resultado de estudos realizados ao longo do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), realizado em uma escola de ensino público, localizada no município de Viçosa/MG. Pretendo apresentar minha vivência, adquirida ao longo de cinco meses, expondo uma intervenção relacionada ao tema bullying nas aulas de Educação Física. Baseado nisso, ressalto que, anteriormente a esta experiência, não tinha conhecimento do quanto a prática do bullying afetava os alunos imersos no ambiente escolar, conseqüentemente as aulas de Educação Física.

Acerca do bullying e suas implicações na realidade brasileira, este fenômeno tem se evidenciado no país principalmente após o início dos anos 2000, quando começaram a ser produzidos trabalhos relacionados a essa temática, onde foram formuladas tentativas de explanação do mesmo e suas conseqüências. Sobre isso, Medeiros (2012, p. 108) afirma que:

[...] o bullying no Brasil deveria ser entendido como um conjunto de atitudes hostis e agressivas, que ocorrem de maneira direta ou indireta, intencionais e repetitivas e sem motivação evidente, [...], que apresenta a diferença de poder entre os envolvidos, causando dor, angústia e sofrimento para a vítima e o sentimento de satisfação para o agressor.

Ainda nesse viés, Silva *et al.* (2019) apresenta que, no país, 20% dos adolescentes imersos em ambientes escolares sofreram com ataques verbais, em algum momento de suas trajetórias, fator propenso a margens de aumento. Deste modo, as instituições de ensino são perpassadas por distintos sujeitos que, oriundos de diversas realidades sociais, são produtores de uma conjuntura que compõe um dos aspectos da contemporaneidade escolar. Como descrito por Figueira *et al* (2022, p. 2), o bullying é “[...] um tipo de violência que ocorre entre pares, apresenta três características principais: a intencionalidade, a repetição e o desequilíbrio de poder entre agressor e vítima, sendo um evento comum para adolescentes escolares”.

---

<sup>1</sup> Graduando do Curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal de Viçosa - UFV, joao.oliveira12@ufv.br

<sup>2</sup> Professora Adjunta do Departamento de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa - UFV, patricia.s.oliveira@ufv.br

Outrossim, atentando a esta prática, é possível afirmar o quanto ela se torna exacerbada quando nos referimos às atividades físicas, onde os indivíduos são permeados por interações sociais, assim, os espaços esportivos tornam-se um dos principais locais onde o bullying é realizado.

Especialmente no contexto da Educação Física escolar, devido ao processo histórico vivenciado pela área, o sentimento de exclusão e, conseqüentemente, casos de bullying dentro das aulas, são explicados devido ao fato de a disciplina possuir um modelo pautado na aptidão física e no alto desempenho, ou seja, a disciplina exige que o aluno utilize toda sua capacidade psicomotora e cognitiva, deixando-o exposto e vulnerável. (FUCHS *et al*, 2021, p. 3)

Ante o exposto, foi observado que o bullying na escola, campo de realização do PIBID, se concretizava em meio a ações de cunho psicológico, ocasionando percepções errôneas por parte dos alunos, de que este ato se tratava apenas de brincadeiras, pois os mesmos, na maioria das vezes, não tinham conhecimento do quanto tais termos afetavam o próximo. A partir dessas considerações, justifica-se a urgência em propor atividades lúdicas que auxiliem os alunos a compreenderem os impactos causados por tais ofensas. Nesse sentido, Freire (2022) afirma que estimular a participação dos estudantes na escola é extremamente necessário para a assimilação do que é ser cidadão e cidadã, e para se sentir-se sujeito do processo educacional.

Assim, o presente trabalho tem como objetivo relatar uma experiência enquanto discente participante do Programa de Iniciação à Docência (PIBID), do núcleo de Educação Física da Universidade Federal de Viçosa. Tendo em mente que “[...] é por meio das aulas de Educação Física, utilizando o conteúdo dos Jogos cooperativos que se vê a possibilidade de atividades que proporcionam aos alunos o prazer de jogar juntos de uma maneira saudável sem utilizar a competição respeitando a individualidade de cada um” (SANTOS; TEIXEIRA, 2014, p. 10).

## **Metodologia**

Para tal feito, utilizou-se da observação participante, dado que, sendo essas circunstâncias, embasadas em fenômeno da vida real, sobressaiu-se a necessidade de não me embasar em instrumentos externos, a passo que determinados dados somente podem “[...] ser revelados fazendo-se inferências sobre os comportamentos observados e conversando com as pessoas” (YIN, 2016, p. 33), destacando a existência desses alunos no espaço educacional. Também, ressalto o emprego de referenciais bibliográficos neste processo, objetivando minha ampliação de conhecimentos a respeito do tema e de práticas pedagógicas.

## Desenvolvimento

A instituição em questão trata-se da Escola Estadual Raul de Leoni, composta por séries do Fundamental I e II, além de discentes que cursam o Ensino Médio. Vale frisar que, inserida em um bairro periférico da cidade citada, abarca alunos majoritariamente de classe baixa, negros e pardos. Ainda nesse viés, a estrutura da escola destaca-se por não contemplar igualmente todos os indivíduos ali inseridos, na medida que não possui plena acessibilidade a todos os espaços da instituição, fator proeminente para a não concretização de algumas práticas das aulas de Educação Física.

A respeito das propostas educacionais supracitadas, foram direcionadas à turma do quinto ano do Ensino Fundamental II, concernem em quatro etapas principais. Inicialmente, propus uma roda de conversa, visando entender o discernimento dos alunos sobre a temática. Destarte, o objetivo da primeira tarefa era utilizar adjetivos, que juntos formaram um cartaz que fosse, além de tudo, convidativo para os discentes, dada a idade dos mesmos. Para isso, implementei um jogo no qual o propósito era conhecer o significado das palavras usadas cotidianamente durante a prática do bullying, tal qual termos de caráter positivo, com o intuito de incentivá-los a aplicar outras expressões para se dirigirem aos colegas, acarretando o respeito ao próximo.

Ainda acerca desta primeira atividade, a turma em foco foi dividida em dois times, após essa partição pronunciei comandos que os orientava a procurar vocábulos de cunho positivo ou negativo, embaralhados em cima da mesa, por fim, o time que alcançasse a meta primeiro vencia a rodada. Salienta-se que, estas palavras foram as utilizadas para a composição do cartaz.

Em seguida, no tocante à segunda etapa, foi sugerido aos discentes uma variação da brincadeira “Pique-estátua”, onde para além de descolar o colega, era obrigatório a pronúncia de um elogio direcionado a quem estava colado. Destaca-se, que foi pretendida a perda da vergonha ao elogiar o próximo, considerando que nessa faixa etária as crianças tendem a ter uma timidez ao proferir uma palavra de enaltecimento.

Por último, a aula foi concluída com outra roda de conversa, em que o intuito era fixar e perceber a evolução destes alunos frente ao primeiro momento, deste modo, concedi a fala a eles, tencionando que os mesmos assimilassem seus progressos adquiridos durante a aula. Assim, formou-se uma discussão acerca do tema, na qual os discentes comentaram acerca de suas experiências com o bullying, as repercussões que esta prática teve em suas vidas e a maneira como se portavam perante o ambiente escolar.

Dessarte, pude observar que, em uma aula, criou-se o entendimento sobre as consequências destes atos e o modo em que os mesmos ferem todos os indivíduos envolvidos, motivando o respeito mútuo nas relações, que vão para além do meio educacional. Fundamentado nisso, entendo o potencial das práticas educativas como principal veículo de transformação social, como apontado por Paulo Freire em sua obra "Pedagogia do Oprimido":

Em verdade, instaurada uma situação de violência, de opressão, ela gera toda uma forma de ser e comportar-se nos que estão envolvidos nela. Nos opressores e nos oprimidos. Uns e outros, porque concretamente banhados nesta situação, refletem a opressão que os marca. (FREIRE, 2022, p. 62)

Ademais, compreende-se que, através da Educação Física, é possível objetivar o conhecimento contínuo para melhor formação desses alunos, uma vez que a disciplina tem como necessidade fazer com que o aluno conheça seu corpo como um todo (DAOLIO, 2000). Sendo assim, para além de práticas que visam habilidades físicas e motoras, a Educação Física promove aprendizados que visam o trabalho em equipe. A partir disso, planejando a plena aplicação das atividades propostas em aula, ambiciona-se uma maior cooperação desses sujeitos, tendo em vista terem sido fundamentadas nas noções socialização, estratégias para com o coletivo, reconhecimento de ajuda e colaboração com o meio, "[...] essa disciplina, como os demais saberes escolares, deve constituir um tempo/espço de aprendizagem que considere: a participação de todos na reconstrução permanente em sociedade" (DEBORTOLI; LINHALES; VAGO, 2002, p. 95).

### **Considerações finais**

A partir do que foi exposto ao longo do presente relato, entendo como imprescindível trabalhar com os discentes a importância de relações empáticas para com seus colegas, evidenciando assim, os impactos negativos resultados da prática do bullying. Ademais, ao longo de minhas observações e análises, uma turma destacava-se pela reprodução do bullying, pude entender assim, que os discentes se influenciam mutuamente durante a realização da prática. Além disso, busquei compreender de que forma as ações de violência verbal caracterizadas enquanto bullying se materializavam no contexto da escola e como eram praticadas. Fundamentado nisso, pude compreender a necessidade de uma intervenção, desta forma, procurei recursos e estratégias com o intuito de alcançar ferramentas para o combate e promoção da conscientização por parte dos discentes. Visando assim, o reconhecimento dos mesmos dentro desta prática, qualificando a si mesmos enquanto criador, vítima/criador, vítima. No que diz respeito aos desafios inerentes ao estudo, a principal dificuldade foi relacionar as

atividades, e propor o diálogo destas com a não realização da prática do bullying. Espera-se que o presente trabalho possa servir de base para que outros professores de Educação Física possam problematizar questões que perpassam o cotidiano escolar, de forma a promover uma formação que transcenda a prática pela prática, fomentando também a promoção de atitudes de respeito às diferenças. Diante do exposto, conclui-se que ações contínuas, que promovam a conscientização e o combate às diversas formas de violências no ambiente escolar, a partir da articulação entre escola, família e alunos, são imprescindíveis.

### Referencial Bibliográfico

- BORTOLI, J. A.; LINHARES, M. A.; VAGO, T. M. Infância e Conhecimento Escolar: princípios para a construção de uma educação física " para" e "com" as crianças. **Pensar a Prática**, Goiânia, v. 5, p. 92–105, 2006. DOI: 10.5216/rpp.v5i0.48. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/48>. Acesso em: 28 maio. 2023.
- DAOLIO, J. A **Antropologia social e a Educação Física**: Possibilidades de encontro, in: CARVALHO, Y. M. e RUBIO, K. Educação Física e Ciências Humanas. São Paulo: HUCITEC, 2000.
- FIGUEIRA, M. P.; OKADA, L. M.; LEITE, T. H.; AZEREDO, C. M.; MARQUES, E. S. Associação entre supervisão parental, vitimização e perpetração de bullying em adolescentes brasileiros, Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2015. **Epidemiologia e Serviços de Saúde**, Brasília, v. 31, 2022. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ress/a/pQJV7t5QxfsJK6bNtFWp3wj/?lang=pt>. Acesso em: 02 out. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**: Saberes Necessários à prática educativa. ed. 72. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- FUCHS, et al. Bullying e Educação Física escolar: uma revisão da produção científica. **Rev. Kinesis**, Santa Maria, v. 39, p. 01-15, 2021. Disponível em: <https://periodicos.ufsm.br/kinesis/article/view/39031/pdf>. Acesso em: 05 out. 2023.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**. ed. 83. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2022.
- MEDEIROS, Alexandre Vinícius Malmann. O fenômeno bullying: (in)definições do termo e suas possibilidades. 2012. Dissertação (Mestrado em Sociologia) – Universidade de Goiás, Goiânia, 2012.
- OLIVEIRA, Flávio Fernandes; VOTRE, Sebastião José. Bullying nas aulas de educação física. **Movimento**, Porto Alegre, v. 12, n. 2, p. 173-197, maio/ago. 2006. Disponível em: [https://www.researchgate.net/publication/277185309\\_Bullying\\_nas\\_aulas\\_de\\_educacao\\_fisica/fulltext/5599ee5608ae21086d25be3a/Bullying-nas-aulas-de-educacao-fisica.pdf](https://www.researchgate.net/publication/277185309_Bullying_nas_aulas_de_educacao_fisica/fulltext/5599ee5608ae21086d25be3a/Bullying-nas-aulas-de-educacao-fisica.pdf). Acesso em: 01 out. 2023.
- SANTOS, Aparecida Lopes; TEIXEIRA, Roseli Terezinha Selicani. Bullying nas aulas de educação física. In: **Os desafios da escola pública paranaense na perspectiva do professor pde**. Paraná, 2014.
- SILVA, Aline Natália et al. Tendência de bullying verbal, violência doméstica e envolvimento em brigas com armas entre adolescentes das capitais brasileiras de 2009 a 2015. **Cadernos de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 35, n. 11, p. 1-16, 2019.
- YIN, Robert K. **Pesquisa qualitativa do início ao fim**. Porto Alegre: Penso, 2016.